

Pobreza e prostituição na Belle Époque manauara: 1890 – 1917.

Paulo Marreiro dos Santos Júnior¹

Juntamente com a venda do prazer, o mundo da prostituição destilava práticas eróticas, sexuais e sociais mais refinadas, já que aí se praticavam formas de sociabilidade referenciadas pelos padrões da cultura européia. Homens de idades, classes, profissões, nacionalidades diversas participavam desse microcosmo, discutindo política, jogando cartas, bebendo, dançando, acompanhados pelas cocotes (...).

Margareth Rago²

Mas o mundo da prostituição não se resumia aos bordéis de luxo, onde as decisões políticas e econômicas importantes podiam ser tomadas. Havia um mundo da prostituição, aquele que habitava as sombras das ruas, das moradas precárias, dos cortiços e das vilas operárias.

Renata F. Marques³

Trazer a prostituição da Manaus da Belle Époque à luz da História, tem se tornado uma tarefa desafiadora. Pois ainda permanece na memória dos cidadãos a imagem das

¹ Departamento de História da Universidade do Amazonas. e-mail: paulomarreiro@hotmail.com

² RAGO, Margaret. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 25.

³ MARQUES, Renata Fernandes. *O Discurso Médico em Relação à Prostituição no Rio de Janeiro da Belle Époque*. In: *História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH*. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996. Lená Medeiros de Menezes (organização), p. 545.

cocotes francesas e polonesas, em bordéis e cassinos de luxo, acompanhadas de ricos seringalistas.

No entanto, desde os primeiros contatos com as fontes para construção deste artigo, percebeu-se que estavam estampados, nos Jornais de circulação da época outros perfis de mulheres, outros segmentos da prostituição, que nada lembravam o perfil historicamente consolidado da meretriz local. As fontes também demonstravam prisões, multas, reprimendas, repressão, vigilância e queixas direcionadas a segmentos da prostituição que não foram contemplados por parte da historiografia local, ou seja, eram mulheres não vistas e ouvidas pela História de Manaus da virada dos séculos XIX e XX.

A história do glamour da prostituição na cidade era paralela à da Belle Époque, as “cocotes”, “polacas”, “francesinhas” do Hotel Cassina ⁴, das casas e bares elegantes da Avenida Eduardo Ribeiro ⁵, nos cabarés onde se bebiam conhaque, champanhe, vinhos finos, nos quais desfilavam corpos femininos alvos, com seus cabelos – preferencialmente – loiros ou ruivos, ostentando artificios e ornamentos: jóias, colares, pulseiras, brincos, “que atestam o *status* da cortesã. Roupas brilhantes, escarlates, coloridas, negras, justas, colantes, vistosas, decotadas, insinuantes, realçando as formas físicas bem conformadas” ⁶.

O perfil feminino da prostituição, na cidade, era retratado na forma de mulheres com “os lábios *polpudos e sensuais*, os olhos *lânguidos e as maçãs do lindo rosto empoado à francesa* – assim como sorriam as cocotas que nos chegavam

⁴ O Hotel Cassina era o espaço de diversão das elites, um conjugado de dancing, bordel e cassino.

⁵ Como signo de espaço moderno, foi eleita a Avenida Eduardo Ribeiro, construída no período de gestão do governador, que a batizou com o seu próprio nome, pode ser considerada “a coluna dorsal da cidade”. DAOU, Ana Maira Lima. *A cidade, o teatro e o “paiz das seringueiras”: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998, p. 96.

⁶ RAGO, Margaret. Obra citada, p. 195.

de Lodz – as famosas ‘polacas’ das zonas do meretrício, e as ‘mademoselles’ dos cafês cantantes daqueles tempos”⁷, criando uma imagem – de certa forma – cristalizada na memória hegemônica.

A prostituição vinha contribuir com o cenário da cidade, como um elemento a mais do processo civilizador, com seus personagens de alcova, caracterizados por encenações lânguidas e nem tanto ofensivas à moral e à sociedade. Eram retratadas as vantagens da prostituição, ou melhor, de um viés dela.

(...) a vinda de mulheres da Europa contribuía para aumentar a fama de cidade do prazer (...). Falava-se em todo Brasil, e mesmo no exterior, das famosas ‘francesas’ que arruinavam seringalistas e proprietários de casas aviadoras, em poucas noites.⁸

Contribuindo para o magnetismo da prostituição, evidenciava-se a personificação da clientela; eram homens da “boa sociedade”, respeitáveis em seus negócios e de sucesso reconhecido, coronéis de barranco, seringalistas, políticos, oficiais de alta patente, administradores públicos, juizes, promotores, advogados, importadores, exportadores. Eram esses admirados nos mitos que retratavam, os homens que acendiam seus charutos com notas de cem réis, principalmente em espaços erigidos apropriadamente para tais fins, espaços de convívio de prostitutas européias ou europeizadas, como o hotel Cassina.

Mas cabe iluminar o outro extremo da prostituição abastada, fora dos bordéis de luxo, dos clientes endinheirados, dos refinamentos *a la* cultura européia. Torna-se imperativo retratar parte do cotidiano de mulheres nacionais e estrangeiras que eram sinalizadas como do “Baixo Meretrício”, depreciadas por epítetos como “*marafonas, mariposas, patuscas, regateiras, decantadas*”⁹, e muitos outros, meretrizes que não

⁷ BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975, p.136

⁸ CORRÊA, Luiz Miranda. *O Nascimento de uma Cidade. (Manaus, 1890 a 1900)*. Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966, p. 56.

⁹ Expressões extraídas das Crônicas Policiais do Jornal do Comércio do Amazonas entre 1905 a 1917.

Paulo Marreiro dos Santos Jr.

ganhavam o suficiente para seu sustento, obrigando-se ao furto de alimentos; eram as que estavam mais à mercê da violência masculina, desprotegidas nas esquinas, ruas, praças, botequins e bilhares que atendiam os segmentos populares, muitas das vezes noticiadas pela imprensa local quando eram despejadas por seus inquilinos, algumas retratadas pelo redator como desiludidas com a cidade, voltando para sua terra natal ou seguindo caminho para outras paragens, às vezes para morte, através do suicídio¹⁰.

O Hotel Cassina era o espaço de diversão das elites, um conjugado de dancing, bordel e cassino.



Fonte: Anuário de Manaus 1910, p. 93. Museu Amazônico.

¹⁰ Os levantamentos estatísticos, abstraídos das Crônicas Policiais do Jornal do Comércio, mostram que o avanço da crise da borracha era diretamente proporcional ao aumento do número de suicídios ou tentativas de suicídios. Da virada do século até 1904, nenhuma

Mulheres buscaram firmar seus passos em Manaus, quando a cidade passava por um processo de reestruturação. Muitas abandonavam a segurança do lar e a vida serena das pequenas cidades ou a falta de oportunidades e concorrência encarniçada das grandes. Dos lugarejos do interior do Estado do Amazonas, saíam jovens e maduras caboclas, ribeirinhas, marcadas pelo traço indígena. Do Nordeste, muitas mulheres fugiam das secas, cicatrizadas pelo sertão, com aparências cansadas e “*rudes*”. De outras regiões do país, muitas iam para Manaus com o objetivo de “*fazer fortuna*”. Dos recôncavos da Europa Oriental, eram romenas, polonesas, russas. De outras regiões europeias, eram portuguesas, espanholas, italianas. Do Oriente, eram turcas. Sul-americanas da Bolívia, Peru e mais africanas e barbadianas. Mulheres que tiveram seus nomes, nacionalidades e naturalidades registrados nos livros de registros das delegacias da cidade e – às vezes – repassados ao público via páginas policiais do *Jornal do Comércio*.

Entre migrantes e imigrantes, as idas para Manaus foram motivadas por circunstâncias diversas: adversidades, fantasias, rebeldias, todas buscavam uma vida melhor na capital da borracha. Nessa empreitada, ousaram romper com perfis impostos ao gênero feminino, conhecendo realidades que, em muitos casos, se transformaram em vidas que se distanciaram dos sonhos acalentados¹¹.

Chegando a Manaus, essas mulheres tinham que competir no mercado de trabalho com as naturais e com as já sediadas na cidade. Um procuravam desempenhar funções diversas, através de formas múltiplas de trabalho: ocupações permanentes, temporárias, casuais, domiciliares, subempregos e empregos flutuantes, à custa de improvisação

ocorrência foi registrada. Em 1905, houve um caso. Nos anos posteriores, houve um crescimento gradativo, até 1917 com nove casos.

¹¹ LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. WOLFF, Tonia Cátia B. *Dancings e Cabarés – Entre a Fantasia, a realidade e a Hipocrisia*. In: História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996. Lená Medeiros de Menezes (organização), p, 358.

e com expedientes variados, muitas vezes incertos¹². Outras iam à cata da clientela do meretrício. Eram prostitutas que não se fixavam, característica intrínseca à profissão, sempre procurando novos fregueses, melhores ganhos, acomodações mais aceitáveis, não se sedentarizando em uma única relação, mudando de identidade, vivendo as expectativas de cada freguês¹³.

*Um*s e *outras* ansiavam melhores perspectivas. As dificuldades do cotidiano da cidade contrastavam com a prosperidade propagada. As vantajosas promessas da lei nº 8, de 21 de setembro de 1892¹⁴, em muitos casos, nunca se cumpriram, deixando migrantes e imigrantes à própria sorte. Mulheres identificadas por suas características ideais: voltadas às atividades do lar, solteiras acanhadas, mães zelosas com seus filhos, esposas subjugadas à figura marital tiveram que redefinir seus conceitos, burlar regras, demarcar estratégias para satisfação de suas necessidades e familiares.

Entre muitas adaptações, o “Baixo Meretrício” significava uma saída para mulheres marcadas pelo tempo, pela labuta, como para belas jovens que desconheciam as estratégias e os melhores espaços para a prostituição. Também era a alternativa de prostitutas experientes que não foram incorporadas às melhores, atrativas e bem cotadas casas lupanares, quiçá por suas feições, hábitos, ornamentos e comportamentos que não eram os projetados por clientes abastados.

¹² MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura. História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP. EDUSP, 2002, P. 52.

¹³ Sobre os vários modelos de “nomadismo” das prostitutas. Ver: RAGO, Margareth. Obra citada, p. 198.

¹⁴ Mediante a lei o governador Eduardo Ribeiro ficou autorizado a conceder passagens de terceira classe gratuitas a bordo de navios a vapor, que iam do sul do país rumo ao norte, da Europa ou da América do Norte rumo ao Brasil, para todo artifice nacional ou estrangeiro que desejasse fixar-se na região. Os benefícios de transporte eram estendidos às famílias do pretendente. No primeiro mês, enquanto não se acomodassem, tinham direito a alojamento e uma diária de 2\$000 reis.

Por outro, a “Zona Estragada” representava “desafio aos papéis femininos socialmente aceitos, não deixava de ter um certo fascínio, parecendo oferecer alegrias e prazeres interditados no mercado formal de trabalho”¹⁵, como na vida, era a liberdade tantas vezes sonhada e buscada nas noites da boêmia, deixando a monotonia de lado na troca de parceiros.

Era na área equivalente ao Baixo Meretrício¹⁶ que a prostituição era vista como ameaçadora, turbulenta,

Entrada do Roadway da Manaus Harbour, ponte do porto de Manaus.



Fonte: Anuário de Manaus, 1913-1914. Museu Amazônico.

¹⁵ LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. Wolff, Tonia Cátia B. obra citada, p. 359.

¹⁶ Antes de 1910, as crônicas policiais não retrataram áreas da cidade específicas de concentração de prostitutas. A partir de 1910, as ocorrências envolvendo meretrizes tiveram duas ruas de destaque: a Itamaracá e a Estrada Epaminondas, como alguns hotéis, bares e botequins, todos equivalentes ao centro da cidade.

conflagrando a tranqüilidade. Principalmente nesses espaços, as prostitutas eram associadas à violência e à criminalidade. Ao contrário das “cortesãs”, as meretrizes “pobres eram vistas como a degeneração da mulher, como a falência da moral da família”¹⁷, como riscos e malefícios à saúde pública.

Na “Zona”, a vigilância ostensiva da polícia estava sempre presente com rondas periódicas. Eram nas Ruas Itamaracá, Estrada Epaminondas e Frei José dos Inocentes, com seus inúmeros bares, botequins e pequenos hotéis de 3º classe, “casas de tolerância”, como a “Pensão da Mulata” onde, segundo as autoridades, “reuniam-se indivíduos de toda casta”, e a casa de diversões “El Dorado”, reputada como “um ninho de mulheres de vida fácil”¹⁸ que a prostituição se mostrava de forma mais explícita, com menor intensidade em outras áreas.

A vigilância policial não se limitava somente a tais ruas, casas de diversões e hospedarias, eram “nas proximidades do mercado público” e em locais como o “café suíço, centro para onde converge a escória social de Manaus”¹⁹ que a repressão policial se dava também de uma forma efetiva. Demais estabelecimentos, praças e ruas próximas do porto a presença de meretrizes foi uma constante.

Esses espaços, mercado e porto, eram áreas de concentração masculina popular. Eram trabalhadores que, após um dia exaustivo de trabalho, procuravam a companhia feminina de mulheres “de vida airada”, associando a umas talagadas da “*branquinha*” para se atenuar a fadiga. Carregadores, ambulantes, barraqueiros do Mercado Público; marítimos, catraieiros, foguistas, estivadores, peixeiros, maquinistas que trabalhavam no Porto e em embarcações, seringueiros, agricultores, pequenos comerciantes recém-

¹⁷ MARQUES, Renata Fernandes. Obra citada, p. 546.

¹⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, p. 71-72.

¹⁹ Jornal do Comércio. Coisas Policiais. “*Rivals no officio*”, 27 de julho de 1917.

chegados em vapores convertiam seus espaços de trabalho durante o dia para territórios do prazer, na companhia de prostitutas à noite.

Em áreas como o Mercado e o Porto, havia uma proximidade nada casual entre prostitutas e trabalhadores populares. Pois eles eram seus principais clientes, exercendo uma cumplicidade entre tais atividades nas opções de lazer e prazer²⁰.

Áreas públicas de intenso fluxo de transeuntes, como os citados, eram locais estratégicos como “pontos” do baixo meretrício. A tabela a seguir, produzida através do periódico “*O Chicote*”, de 1914, evidencia um roteiro da prostituição nas ruas de Manaus, tendo o respectivo valor relevante a cada área e qualidade do serviço prestado, exposto pelo redator de uma forma – como de praxe – bem pejorativa:

TABELA I
“Variações da Zona Devassada”

RUAS	PREÇOS	RUAS	PREÇOS	RUAS	PREÇOS
EPAMINONDAS	4\$000	JQ. SARMENTO	2\$400	INDEPENDÊNCIA	1\$500
ITAMARACÁ	3\$500	C. AZEVEDO	2\$200	DOS ANDRADAS	1\$400
DEZ DE JULHO	3\$000	S. MARINHO	2\$000	BECO DO COMÉRCIO	1\$200
J. CLEMENTE	2\$800	24 DE MAIO	1\$800	PÇ. REMÉDIOS	1\$000
L. D'ALMADA	2\$600	DEM. RIBEIRO	1\$600		

FONTE: *O Chicote*, Manaus, 22/02/1914 ²¹.

Esses locais, nos quais se concentrava a prostituição de baixo custo, recebiam maiores atenções da polícia porque também eram lá os locais preferenciais para o encontro com a clientela. Como essa era composta por populares, a polícia tinha motivos em dobro para vigilância dos focos de prostituição, uma vez que homens de “baixo estrato social” eram considerados tão suspeitos e perigosos quanto as prostitutas.

²⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Obra citada, p. 71.

²¹ In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Obra citada, p.73

Pelas crônicas policiais, fica perceptível que na maior parte das vezes prostitutas não foram presas pela prática de prostituição. Apesar de a profissão não ser benquista pelas autoridades, as prostitutas não eram reprimidas pelo fato de se prostituírem, mas por atos de descompostura em público. Estabelecer padrões de moralidade no universo “*libertino*” da prostituição, firmou-se como uma necessidade e estratégia para se ultrapassar muralhas disciplinadoras ²².

Os comportamentos tidos como referência eram os das “cocotes”, bem treinadas e instruídas nas artes da discrição, da reserva comportamental e da moderação. Mas com as profissionais do baixo meretrício, o meio tumultuado, a clientela “rude”, o descontentamento com os poucos pagamentos e os contextos culturais das próprias meretrizes proporcionavam conversas balburdiosas, bebida em demasia, indisciplina e qualquer outro distúrbio, colocando em perigo a *boa ordem*. Em grande parte, as prisões de meretrizes ocorriam motivadas por tais casos.

As crônicas policiais listavam embriaguez, furto ao cliente, lesão corporal à colega de profissão ou ao freguês, ofensa à moral pública, injúria, difamação e desordem como principais motivos de prisões de prostitutas. Em última instância, pela prática da prostituição.

Nos anos pesquisados, foram contabilizados 62 casos diversos nos quais prostitutas foram presas, contra 35 casos envolvendo prisões por “prostituição”. O próprio regulamento dos delegados de polícia não tachava a repressão à prostituição e sim às *inconveniências à moralidade pública*.

Dos Delegados de Polícia:

XXV – ter sob sua vigilância as prostitutas, providenciando contra as mesmas, sem prejuízo do processo judicial, da maneira que sem violência, julgar mais conveniente à moral pública.²³

²² LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. WOLFF, Tonia Cátia B. obra citada, p. 358.

²³ Leis, Decretos e Regulamentos. Tomo IV 1906. De Janeiro a Dezembro, Volume 4 e 5. Regulamento da Polícia Civil do Estado Do Amazonas. Capítulo III – Dos Delegados da Capital. Biblioteca da Associação Comercial do AM.

Como discutido em itens anteriores, “*afetar a moral pública*” era a principal acusação que recaía sobre a prostituta, ocasionando a prisão da mesma. Foi fundamental que mecanismos de vigilância constante fossem impressos às meretrizes a fim de que os “*bons costumes*” não fossem afetados. Dessa forma, a Guarda Civil de Manaus era imbuída da missão de tomar medidas repressoras contra o “*escândalo público*” proporcionado não pela prostituição e sim por prostitutas do baixo meretrício e seus desregramentos públicos.

Muitas das vezes, prisões de prostitutas tinham um objetivo claro: conter sua explicitação, seus comportamentos arreliados que denegriam a imagem pública. Convicta de sua função repressiva, a polícia criminalizava comportamentos vistos como ofensivos, não necessitava de razões muito plausíveis para efetuar a prisão. As crônicas policiais denotaram ausência de acusações específicas, a não ser as que implicaram infração ao decoro. O essencial era mantê-las reclusas, longe das vistas públicas, como as “*francesinhas*” no interior dos bordéis de luxo. Mas se não fossem submissas a alguma casa de lupanar, a cadeia seria uma alternativa, pelo menos por algum tempo:

Pelo guarda civil Jeronymo Sampaio foi presa hontem, ás vinte horas, á estrada Epaminondas, por *infracção do regulamento da polícia civil*, a meretriz Rosa Suhru, que foi conduzida á delegacia do segundo disttricto, onde a autoridade de serviço lhe passou um especial.²⁴

O próprio Código de Posturas do Município dava a entender o principal objetivo das autoridades no tocante à prostituição: ocultá-las, mas não erradicá-las inteiramente da sociedade ²⁵.

²⁴ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Rosa marcha”, 18 de setembro de 1917; grifo meu.

²⁵ Sob pena de repressão, a prostituta não deve expor-se ao público na janela, mas nada é falado de forma contrária sobre o ato da prostituição. Art. 148 – Não é permitido às mulheres de vida fácil conversarem ás janelas com os transeuntes, sob pena, de multa de 50\$000. Código de Posturas do Município, 1910. Capítulo XII. Conveniência e Moral Publica. Biblioteca Pública do Estado do AM.

Isso ocorria porque, no processo de modernização da cidade, a prostituição era vista como um “mal necessário”²⁶, era através dela que a “família higiênica”²⁷ tinha sua possibilidade de manutenção, vendo na prostituta uma válvula de escape do cerceamento da moralidade familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais, da transgressão à normatização da relação conjugal. Era sabida a importância das meretrizes para a iniciação sexual dos jovens das camadas mais e menos favorecidas, amenizando o ânimo dos impulsos sexuais prementes, garantindo a virgindade das moças solteiras e futuras esposas²⁸.

Administradores públicos chegavam a naturalizar e historicizar a presença das prostitutas, como justificativa para a ausência de repressões mais ferozes.

Quanto á prostituição todos os meios têm sido empregados para evitar a sua propagação desde os tempos de Sólon até os nossos dias sem que se tenha, ao menos, a sua diminuição. Ella existio em todos os tempos e há de existir sempre. O que cumpre fazer é evitar a facilidade do seu exercício, é prohibir por todos os meios a sua exhibição. Infelzmente entre nós já existem as casas de proxenetismo.²⁹

Fazer evitar a “*facilidade do seu exercício*” e “*os meios a sua exhibição*” obedeciam a limites. A coexistência pacífica entre sociedade e prostitutas iria até o ponto em que essas não “escandalizassem” o cotidiano público com posturas “desregradas”. Consideradas trãnsfugas sociais, as prostitutas – principalmente as pobres – eram toleradas na sociedade desde que permanecessem ocultas, não tanto de corpo presente, mas no que diz respeito a algumas de suas características de convivência e relacionamento social,

²⁶ MARQUES, Renata Fernandes. Obra citada, p. 545.

²⁷ Idem ibidem.

²⁸ RAGO, Margareth. Obra citada, p. 24-25.

²⁹ Mensagem lida pelo Exm. Sr. Governador do estado Cel. Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt. 10 de julho de 1910. Segurança Pública, p. 14. Arquivo Público do Estado do AM.

semelhantes às de muitos outros populares: beberronicos, altercações, arrelias e outros. Às vezes, o “mal necessário” ultrapassava os limites socialmente impostos de coexistência pelo excedente do número de prostitutas, tornando-se a eventualidade de se deparar com prostitutas nas esquinas, ruas, praças e demais espaços da cidade uma agressão ou um desconforto à ordem disciplinar. Em tais casos, eram utilizadas estratégias de manutenção do equilíbrio entre coletividade e meretrício através de desterros.

Por isso, obedecendo a uma política de equilíbrio, o excesso da prostituição na cidade era enviado de tempos em tempos para seringais, com intuito de levar lazer ao seringueiro incrustado na monotonia da selva, contrabalançando o quantitativo e a relação entre os sexos, provocando matrimônios e fixando o homem na terra através da constituição de uma família.

Entre inúmeros desterros que ocorreram de Manaus para outras regiões do norte extremo do país, o Sr. Valdenor Jardim Alves Ferreira, colecionador de documentos e conhecedor da história de Cruzeiro do Sul, no Acre, conta que, em 1905, as autoridades tentaram levar para lá uma certa quantidade de mulheres de Manaus, objetivando equilibrar um pouco a população, uma vez que a quantidade de mulheres em relação aos homens era diminuta naquela região. Histórias semelhantes coincidem com relatos descritos por Alfredo Lustosa Cabral:

Foi por isso, atendendo a tamanha irregularidade de vida, que, certa ocasião, a polícia de Manaus, de ordem do Governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinqüenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. (...).³⁰

As que permaneciam na cidade eram obrigadas a passar por suas agruras, não tanto piores ou melhores que

³⁰ In: WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta, uma história . Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999, p. 86.

as sofridas nas deportações. Em meados do segundo decênio do século XX, conforme relatos incisivos dos administradores públicos, a situação econômica de Manaus tornara-se “caótica”, com a queda do preço internacional da goma elástica, o montante pecuniário circulante caiu assustadoramente. Esse contexto econômico adverso era refletido na comercialização do sexo. Por isso, inúmeros casos de intrigas entre prostitutas foram evidenciados pelo redator por motivos de “concorrência”, quando “*officiaes do mesmo officio, como é obvio, empenhava-se uma em apoucar o mais que possível, a mercadoria exposta ao consumo publico pela outra*”³¹.

Os valores contidos na tabela I mostram, no contexto de 1914, uma concorrência acirrada entre as prostitutas, agravando-se ao avançar de cada ano de derrocada da goma elástica e conseqüentemente de Manaus. Na luta pelo escasso *freguês*, valia tudo, até as provocações mais originais à *concorrência* que – às vezes – seriam consideradas hilariantes se não exteriorizassem a vida trágica e difícil de algumas prostitutas daqueles dias:

A zona estragada da estrada Epaminondas que, nestes ultimos dias, parecia gozar de uma paz relativa, foi hontem, perturbada por um fuzuê damnado.

Felismina Cardoso de Oliveira almoçara franciscanamente, dormira a sesta e ao despertar, uma das companheiras com um grande ar de mysterio a transparecer no semblante, entregou-lhe um pequenino embrulho.

Felismina abriu-o e deparou qualquer coisa de anormal. Esfregou bem os olhos, arregalou-os e certificou-se de que estava realmente acordada. O pequenino envulcro continha um pimentão vermelho, e annexo um bilhete aconselhando-a a fazer daquillo o uso que bem lhe conviesse.

Mandára-lhe aquella prebenda, segundo resava o bilhete, a sua colega de officio Alahyde Garcia.

Felismina enfureceu-se. Aquillo era um respeitavel desafôro. E a colera ainda mais se acentuou quando alguem lhe disse que o pimentão daquella espécie, mandado assim, a qualquer pessoa, indicava que o presenteado devia voltar o

³¹ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Rivaes no officio”, 25 de julho de 1917.

pensamento a avó de seus filhos, se fosse casado, ou à companheira do papá, se fosse solteiro. (...) no segundo districto (...) o guarda de permanencia atarantado com aquella historia em que rolava pimentão sinistro mandou-as embora, depois de um especial de corpo presente.³²

Casos de prisões por lesão corporal grave, leve, injúria e difamação entre meretrizes na Rua Itamaracá e Estrada Epaminondas foram recorrentes nas crônicas policiais. As intrigas entre prostitutas ocorriam não só por concorrência, a própria convivência cotidiana, habitando nas mesmas pensões, questiúnculas pessoais levavam prostitutas a discussões e enfrentamentos. Em alguns casos, tais questões eram levadas à polícia.

Rosa Levy, a conhecida Rosa Tartaruga, celebre na zona estragada pelas suas prezas, voltou, hontem, a dar um arzinho de sua graça.

Por uma nuga qualquer inticou com a collega de officio Altamira de Carvalho, residente á rua Itamaracá, dezesete, e d'ahi dar-lhe todo o santo dia um baile de arriar a crista á mais emproada.

Altamira, que teme a linguazinha da Tartaruga e as encrencias com a policia, queixou-se á delegacia do segundo districto, onde o guarda Jose Roland, numa mansidão de capuchinho pregou á Tartaruga um sermão ás direitas.³³

Mas nem sempre os casos eram levados ao conhecimento policial, em redutos considerados refratários, os contatos entre prostitutas e policiais causavam incertezas a elas. Ao reclamar de situações que se definiam até mesmo como atos de violência, prostitutas passaram de “vítimas” para “causadoras” e, por isso, culpadas desses atos maléficos, pois eram consideradas despidoradas, liberando a dimensão animalesca dos fregueses e de outros, levando-os a cometer violências³⁴. A inversão de papéis

³² Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Presente de grego”, 16 de julho de 1917.

³³ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “A Tartaruga cahiu na rêde”, 7 de junho de 1917.

³⁴ MARQUES, Renata Fernandes. Obra citada, p. 546.

poderia muito bem ocorrer, sendo a meretriz a culpada de ser agredida por um freguês, de ser estuprada, ofendida e até mesmo por casos corriqueiros no convívio do baixo meretrício.

À estrada Epaminondas, cinquenta, reside a mariposa Amélia Corrêa Louro, que tem como vizinha a colega de profissão Maria Anália. Talvez que entre ellas a amizade não haja creado raízes fortes, porquanto de vez em vez surge um desaguisado qualquer que pôs uma de prevenção com a outra. Diz a Maria que a culpada de tudo é a outra que tem por habito matar o bicho um pouquinho mais do costumado.

A outra replica que não, que os seus porres são tomados honradamente em família.

O que é facto é que a encrenca lá está todo o santo dia. Hontem, por exemplo, Amélia foi á segunda delegacia, puxando umas cinco libras de pressão, e contou uma historia de sete cabeças ao guarda de permanência, contra a sua vizinha.

Chamada esta á presença da autoridade, lançou a culpa toda sobre Amélia, fazendo trabalhar os pauzinhos com tanta habilidade que a pobre Amélia, que tinha querido sujar a companheira, foi quem marchou para o xadres ³⁵.

O convívio cotidiano de meretrizes na “Zona” e nas “casas de tolerância” envolviam práticas culturais diversas, e muitas vezes resultavam em choques culturais. Todas buscando colocar em prática suas estratégias de sobrevivência, eram nacionais e estrangeiras, de naturalidades denunciadas pelos seus nomes e sobrenomes, Marias, Joanas, Annas, Raimundas, Franciscas, Amélias, Philomenas, como também Stamber’s, Blanca’s, Albar’s, Pepa’s, Gron’s, Zagury’s, Suhru’s, Levy’s, Suchard’s, Rosemberg’s, entre muitas outras. Mulheres paraibanas, baianas, paraenses, caboclas e “*negras como azeviche*”³⁶ eram as mais comuns nas “*zonas estragadas*”, ao lado de européias

³⁵ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “*O feitiço por cima do feiticeiro*”, 17 de junho de 1917.

³⁶ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “*Por causa da competência*”, 20 de agosto de 1917.

do oriente ou Península Ibérica, árabes, africanas e sul-americanas. Ao contrário do que se transmitiu por parte da historiografia amazonense, as “*polacas*” dos bordéis de luxo não correspondiam somente a traços étnicos definidos, mas faziam parte de todo um imaginário a respeito da prostituição, tendo a “*francesinha ou polaca*” como parte de um cenário, no qual ela era a peça principal, mas nunca auto-suficiente.

Em vez de “*olhos lânguidos e as maçãs do lindo rosto empoado à francesa*”³⁷, o que se percebeu pelas ocorrências policiais foram mulheres de faces sofridas, de olhos tristes, obstinadas em permanecer em uma cidade que buscava ocultar sua presença, principalmente se exteriorizassem sua pobreza e seu “baixo valor” no meretrício. Os registros policiais, por meio das crônicas, denunciaram que o índice de miséria entre as prostitutas de Manaus era intenso, que em alguns casos os seus rendimentos não eram suficientes para manterem sua subsistência básica, sendo levadas ao furto de seus clientes ³⁸ e de alimentos, como guloseimas:

Queima-se pelas guloseimas a decahida Iris Corrêa da Silva. O interessante, porém, é que gostando tanto de doces, Iris só os saboreia de meia cara, á custa alheia (...). ³⁹

A prostituição era o caminho traçado por muitas mulheres que buscavam fama, fortuna ou pelo menos a sobrevivência na *Paris dos Trópicos*. No entanto, conforme as ocorrências policiais, o que muitas encontravam era desilusão, carestia, segregação e arrependimento.

Algumas meretrizes ao chegarem, caso não fossem enquadradas nos bordéis de requinte, tornavam-se propensas a desilusões pela precariedade do baixo meretrício. Um certo número não tinha mais proventos para voltarem para sua região de origem quando arrependidas. Envoltas pela

³⁷ BRAGA, Genesino. Obra citada, p.136

³⁸ Caso de Suzana Stamber, na rua Itamaracá, que furtou seringueiro em vinte reis. Jornal do Comércio. Chronica Policial: “Mordeu em vinte”. 4 de janeiro de 1908.

³⁹ Ibidem. “Virou a Geringonça”. 24 de agosto de 1917.

miséria, repressão e marginalidade social algumas optavam pela morte como única solução para suas agruras. Logo, tentativas de suicídio entre prostitutas se repetiam em Manaus:

Na pensão n° 7 da rua Henrique Antony, onde reside a mundana Maria Deusa tentou suicidar-se domingo ingerindo forte dose de sublimado. As suas companheiras comunicaram o fato a policia que fez transportar a transloucada rapariga para Santa Casa de Misericordia, onde se acha em tratamento.⁴⁰

Os suicídios ou tentativas podem ser compreendidos como uma percepção clara da prostituta de sua condição excludente ou do não pertencimento do rol de privilegiamentos que a cidade ofereceria. No geral, foram mulheres que se perceberam rejeitadas, sem espaço, importância e se auto-aniquilaram, ou pelo menos tentaram. Seria o último ato de uma mulher que incorporou as representações da exclusão, não tendo mais forças para lutar contra ela.⁴¹

As crônicas policiais deram pistas que possibilitaram imaginar os motivos que levaram tais mulheres a “*colocarem termo a vida*”⁴². Entre inúmeros aspectos que traçavam a diferença entre os casos, todos apresentavam uma comum condição de pobreza. Eram moradoras de pensões, hotéis e hospedarias de 5ª classe, freqüentavam casas de diversão eminentemente populares, possuíam características pessoais – narradas pelas crônicas – que denotavam sua condição de miséria.

⁴⁰ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Queria Morrer”: 26 de abril de 1917.

⁴¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 331.

⁴² Não foi neste trabalho que se ousou investigar a fundo as razões dos suicídios de meretrizes. Mas os motivos poderiam ser os mais comuns ou verdadeiras tragédias, futilidades, miséria, gravidez indesejada, falta de perspectiva, vícios, inadaptação à cidade, angustias. Várias poderiam ser as causas de suicídios por mulheres do baixo meretrício.

A prostituição poderia chegar a ser uma atividade rendosa, seduzindo mulheres pobres pela possibilidade de uma nova vida. Porém, a prosperidade não chegava a todas. Voltar à condição anterior - às vezes - era inviável.

A especulação de uma dessas muitas donas de pensões de toleradas de que Manaus conta um bom nº, hontem sendo causadora da morte de uma infeliz daquelas por falta de suas lindas gerais a seguinte. As coisas de uns três dias mudara-se para a pensão Rosa Levy, a rua Itamaracá 22, a horizontal Josepha Maria da Conceição que como garantia do comodo que passou a ocupar adiantou de aluguel a importancia correspondentemente a três dias. Ao regressar hontem à tarde à casa notou Josepha com grande espanto que alli aparentemente se achava ocupado por nova inquilina. Chamada Rosa, pediu explicações, coisa que se negou a proprietária da pensão.

Sem outro remedio, Josepha resignou-se a procurar outro comodo. Natureza fragil porem preocupou-a aquele procedimento de Rosa a tal ponto que por volta das 17:00 horas descendo o Roadway quis por termo à vida atirando-se a agua. Salvou-a, porem, o catraeiro Manuel Gonsalves Ribeiro. O subdelegado (...) que se encontrava casualmente no local, fe-la conduzir-a (...) à primeira delegacia (...). Maria da Conceição conta 21 anos e é natural de Pernambuco. ⁴³

Se o mundo da prostituição de luxo podia ser comparado a imagens que evocavam prazer, tranqüilidade e segurança, agregados à devassidão, o “baixo meretrício vinha inevitavelmente associado à idéia da animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites, atestando o último degrau de degradação atingido pela humanidade. Tudo aí passava pelo crivo do negativo, do sombrio, da brutalidade humana” ⁴⁴. Prostitutas pobres eram comparadas a uma “sordidez maldita”, vistas por uma volúpia desenfreada, permeadas de excessos que assustavam as classes privilegiadas. Eram perspectivas que pairavam sobre

⁴³ Jornal do Comércio. Coisas Policiais: “Queria morrer”, 29 de maio de 1917.

⁴⁴ RAGO, Margareth. Obra citada, p.242.

a condição social, comportamental e todo o entorno dessas mulheres, e não tanto pela objetividade da venda do sexo. Por isso, a polícia se fazia mais presente nos “antros” do baixo meretrício que em outros. Pois era nesses espaços que se exteriorizava a presença de atores sociais que se objetivava ocultar.

Na Manaus da Borracha, a figura emblemática da “francesinha”, da “polaca”, quer dizer, da prostituta de luxo européia representava o fausto, o glamour, a opulência no auge da economia gomífera. Essas mulheres permaneceram na memória, como marcas de um período de prosperidade. Cabe então à História uma releitura do passado, percebendo que paralelamente ao luxo havia pobreza, à francesa havia a nordestina ou ribeirinha, aos lábios lânguidos das polacas havia as faces sofridas de muitas outras que buscaram no Baixo Meretrício uma alternativa nem sempre viável.

Referências

- BRAGAS, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975.
- CORRÊA, Luiz Miranda. *O Nascimento de uma Cidade. (Manaus, 1890 a 1900)*. Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966.
- DAOU, Ana Maira Lima. *A cidade, o teatro e o “paiz das seringueiras”: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.
- LUZ, Ana Cristina da. França, Miriam de. Wolff, Tonia Cátia B. *Dancings e Cabarés – Entre a Fantasia, a realidade e a Hipocrisia*. In: Lená Medeiros de Menezes (organização). *História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH*. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996.
- MARQUES, Renata Fernandes. *O Discurso Médico em Relação à Prostituição no Rio de Janeiro da Belle Époque*. In: Lená Medeiros de MENEZES (organização). *História & Violência: Anais do VII Encontro Regional Núcleo da ANPUH*. Rio de Janeiro, 7 e 11 de outubro de 1996.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura. História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP. EDUSP, 2002.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

WOLLF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta, uma história*. Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
RAGO, Margaret. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Pobreza e prostituição na Belle Époque manauara: 1890 – 1917.

Paulo Marreiro dos Santos Jr.

Resumo: Na historiografia mais tradicional da região, ainda se encontram relatos sobre as famosas cocotes, polacas e francesinhas que encantavam e arruinavam os barões da borracha em noites de extasiante prazer. Segundo os escritos que se perpetuaram mediante a história, eram mulheres muito belas, brancas, de fino trato, em conformidade com a vanguarda da moda e instaladas em bordéis luxuosíssimos. Tais descrições fazem parte da memória dos cidadãos manauaras quando o tema é a prostituição no período da Belle Époque. O objetivo desse artigo não é negar a existência de personagens históricos como os descritos acima, mas impedir que se entenda a parte pelo todo. Havia outras prostitutas na Manaus da Borracha, outros ambientes – vistos como sórdidos – freqüentados pelo meretrício e outros clientes fora da órbita dos barões da borracha. Mulheres que denunciaram em suas histórias a miséria de uma prostituição que foi esquecida ou abafada pelo glamour de uma época de fausto.

Palavras-chave: pobreza; prostituição; contradição social.

Abstract: The article is about the strategies of survival and the routine of the prostitutes of Manaus in the *Belle Époque*, period of urbanistic and architectural transformation and consolidation of the city in the economy during the rubber boom. The article was drawn with the objective of showing a dynamic and multiple process, permeated by oppositions, conciliations, permanences and ruptures, drawing profiles of the relationships that involved problems, struggles, experiences, tensions, looking for the multiples senses of

Paulo Marreiro dos Santos Jr.

the prostitution of the city. The article tries to understand its national, regional, and local importance, therefore asking questions about the hegemonic imaginariy that justified the chauvinism of the Manaus Rubber Boom.

Key words: poverty, prostitution, social contradiction

Artigo recebido para publicação em 14/08/2005.

Artigo aprovado para publicação em 04/05/2006.